

13.

COMO PODEMOS DISTINGUIR QUAL É A FRONTEIRA ENTRE UMA OBRA DE ARTE E UM OBJETO DE DESIGN?

Como distinguir um simples objeto da cultura material de uma obra de arte ou de um verdadeiro objeto de design? Eis aí o nosso problema. A discussão da arte e do design é confusa, pois empregamos as mesmas definições para muitos objetos e não paramos de estender os limites do que se designa obra de arte e design, isto é, não conseguimos parar de incluir no mundo da arte e do design mais e mais coisas construídas pelos homens.

Seriam então as fronteiras do Campo da Arte e do Design suficientemente elásticas para conter tudo o que desejamos incluir nelas? Se elas não são suficientemente flexíveis, qual é o seu limite de flexibilidade? Eis aí mais uma face do nosso problema teórico. Eis aí nossa dificuldade. Talvez o problema maior seja a forma como entendemos a arte e o design, o significado que essas práticas têm para nós, o sentido que emprestam às coisas que designamos como tal.

De modo geral, acreditamos que dependendo da forma como nomeamos arte e design podemos definir o que pertence ao campo fenomenal da arte e do design e o que está fora dele. Uma pintura a óleo é obra de arte e um ferro de passar roupa é um objeto de design, contudo, a compreensão do fenômeno não é apenas uma questão semântica, um simples estudo das mudanças de significado sofridas pelos termos os quais costumamos denominar os objetos, tal como não se trata apenas de mais um problema classificatório. É assim que classificamos um e outro. Se não tivermos cuidado, a descrição positivista dos sucessivos

significados desses termos nos levará a um labirinto teórico paralisante. Nossa dificuldade se acresce se considerarmos que nossas discussões sobre a arte e o design estão ancoradas em certos argumentos instituídos, quase sempre inflexíveis ou irredutíveis.

Há também certo número de “verdades” sobre a arte e o design que ninguém ousa transgredir. Ninguém ousaria discutir, por exemplo, que Miguel Ângelo foi um grande artista, ninguém ousaria discutir que para fazer a cadeira Thonet foi necessário talento, ninguém ousaria discutir que somente uns poucos homens são dotados disso que nomeamos talento e que a maioria das pessoas não têm o talento necessário para serem artistas ou designers. Todas essas verdades são os pontos ou argumentos insolúveis ou aporias que empregamos para discutir o fenômeno da arte e do design, os quais, paradoxalmente, nos encaminham para longe das conclusões. Se, por conta dessas limitações, não há solução ou possibilidade de resposta para a definição da arte e do design, será que há outra forma para discuti-los? Será que existe outra possibilidade de discutir o fenômeno da arte e do design utilizando outros argumentos?